



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

REFLEXÕES DA PRÁTICA EFETIVA E EFICAZ DO PROFESSOR NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

GUERRA, Maria José - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba
mariajguerra@superig.com.br

NEVES, Benilde Cassandra - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba
benildecassandra2@gmail.com

INTRODUÇÃO

A superficialidade do ensino nas aulas de Língua Materna na EJA, se dá principalmente pela descontextualização do conteúdo. Percebe-se ainda que alguns profissionais têm feito algo para melhorar esse quadro, mas é preciso avançar cada vez mais para tornar o ensino de língua portuguesa atrativo para os alunos, mostrando-lhes o contexto social da língua e conseqüentemente o da escrita e o seu papel na sociedade contemporânea.

Os autores pesquisados fazem uma crítica muito clara ao ensino da gramática pela gramática, pois as aulas de língua portuguesa devem ser ricas em leitura por fruição e não apenas para avaliação. No aspecto da oralidade, pois deve haver debates para entendimento dos textos e como argumento, para a produção de outros. Refletir sobre as práticas usadas e mostrar que é preciso evoluir, portanto, conscientizar os alunos de que é possível escrever para a vida e com prazer.

O questionário que será distribuído ao longo do trabalho foi aplicado com alunos da EJA, ele antecederá as discussões e com base neles perceber-se-á a crítica feita pelos autores. As respostas foram transcritas tal qual respondidas.

METODOLOGIA

Foram selecionados para esse estudo subsídios extraídos de um questionário aplicado, no final do I Semestre de 2014 em uma sala de aula da rede pública de Campina Grande-PB, com 23 alunos da EJA, na faixa etária entre 20 e 69 anos, mas para este artigo elegemos uma amostra de 5 (cinco) alunos da turma, e o auxílio de



alguns teóricos como Antunes (2002), França (2003), Oliveira (2010), e outros. Para poder se ter um diálogo entre a teoria e a realidade do ensino de Língua Materna.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 A REALIDADE E O ENSINO

Exemplo - 1: Foi perguntado: *Que atividade você gosta de fazer nas aulas de Língua Portuguesa? Os alunos responderam: A1 – Quase nada porque é chata. A2 - O dever de português quando é poquin sem muito verbo que tem. A3 – sinceramente num gosto muito não. A4 – As vez leitura. A5 – Não gosto que é só dever.*

Percebeu-se que as aulas de português, nas pesquisas realizadas as mesmas precisam de uma atenção especial, pois estão ainda muito voltadas para o uso da gramática de forma superficial, deixando de lado o uso da leitura e a oralidade. Por outro lado, há estudiosos e profissionais da área empenhados em mudar essa realidade do ensino brasileiro.

Há pontos que a fala se aproxima da escrita e há pontos em que as duas se distanciam bastante um da outra. Por essa razão, na prática pedagógica, o professor precisa ficar atento aos erros que os alunos cometem na escrita, pois muitas vezes eles são reflexos da influência da fala. (OLIVEIRA, 2010, p. 110)

Quando os falantes de português chegam à escola já falando português é óbvio que iram usar seus conhecimentos linguísticos em termos de oralidade, para construir seus conhecimentos de escrita. O que leva-se a observar que se deve mostrar aos estudantes que há usos para oralidade que não cabem na escrita, e que por outro lado nem uma é mais importante que a outra. Essas diferenças se situam em contínuo; elas não se dão de formas dicotômicas restritas. Assim, há situações em que as formas usadas na escrita são as mesmas usadas na fala e vice-versa, (OLIVEIRA 2010, p. 113).

2 A LEITURA E O ENSINO

Exemplo - 2: Foi perguntado: *Você gosta de participar das atividades de leitura que acontece em sala de aula? () Sim () Não. Se sim, por quê? Os alunos responderam: A1 - Não. A2 - Sim mais E difíci só tem de dever A3- Não por que não. A4 - Sinceramente as leitura num é boa. A5 - Não.*

Exemplo - 3: Também foi perguntado. *Qual é a sua frequência de leitura fora da sala de aula? () Sempre () Raramente () Nunca. A1 - Raramente. A2 - Nunca. A3 - Raramente A4 - Sempre as conta condi e pa pagar. A5 - di veiz em condo na BIBLIA.*



Exemplo - 4: Ainda foi perguntado: *Como ocorre a sua prática de leitura em da sala de aula?* **A1** – Pra fazer o dever no livro da escola. **A2** - só condi a professora pedi **A3** - quando a professora manda eu Le **A4** - não gosto muito é chato se errare vem a mangoça. **A5** - A professora mi ajuda nos dia de Le.

Diz Antunes (2003) que a leitura, é trabalhada nas escolas como uma atividade puramente centrada em práticas mecânicas de decodificação da escrita e geralmente não há leitura, pois as escolas não incentivam seus alunos a lerem, principalmente, com a desculpa da falta de tempo, para dar continuidade às matérias curriculares o que prejudica o desenvolvimento intelectual dos alunos. Quando há leitura ela é desvinculada dos usos sociais o que torna uma leitura puramente escolar o que acarretará uma futura avaliação.

3 A PRODUÇÃO TEXTUAL E O ENSINO DE GRAMÁTICA

Exemplo - 5: Foi perguntado: *Você gosta de escrever? Que atividade de escrita você tem dificuldade de escrever? Se sim, quais? Os alunos responderam:* **A1** - Sim. E difisil fazer coisa escrita. **A2** - NÃO. porque não gosto **A3** - sim. as vezes num entendo e respondo douto jeito. **A4** - Não. porque eu me atrapaio condo é dever de gramática. **A5** - Sim. eu num seio passar pó papel as coisa da cabeça do meu pensamento entendi, né.

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.

Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (...) Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua (MARCUSCHI, 2003, p.22).

Tais conhecimentos são fundamentais para quem vai redigir um texto, pois os enciclopédicos situam os alunos nas produções textuais; se ouvirmos falar em poluição, mas não nos aprofundarmos no assunto se for pedido que se produza um texto sobre poluição, com certeza, se terá dificuldade para escrever sobre esse assunto.

[...] para a noção de gênero textual, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade [...]. Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. (MARCUSCHI, 2007, p. 24-25).

Por outro lado, em gêneros textuais na educação de jovens e adultos Santos (2004, p.39) esclarece que as noções de texto, discurso, gêneros e tipos textuais como também de domínios discursivos ainda necessitam de maiores aprofundamentos na EJA, considerando que a maioria dos professores que atuam nessa modalidade de ensino



não teve a oportunidade de refletir na sua formação inicial, sobre os fundamentos linguísticos que os ajudem no ensino da língua portuguesa, ficando demonstrado que ainda existe uma distância muito grande entre pedagogia e linguística.

Os conhecimentos textuais também têm o seu valor, pois sem conhecer os diferentes gêneros textuais para escrever se torna quase impossível escrever tais gêneros; mas, também é preciso saber como escrever. Precisamos humanizar o ensino de português trazendo para as aulas a realidade social dos alunos fazendo uma ponte entre teoria e prática dando importância aos conhecimentos trazidos pelos alunos.

Uma boa forma de preparar os alunos para escrever é provocar uma discussão acerca do tema proposto e organizar as ideias vindas dos alunos no quadro em duas colunas: prós e contras [...]. A discussão e a organização dos prós e dos contras no quadro ajudaram os alunos a redigirem uma carta ao Presidente da República, expressando sua posição a respeito, a favor ou contra a redução da maior idade penal (OLIVEIRA, 2010, p. 117).

Antunes (2003), afirma que o trabalho com a escrita ainda é mecânico e periférico centrada, nas habilidades motoras de sinais gráficos e depois de memorização de regras gramaticais isoladas. Essa prática artificial e inexpressiva geralmente praticada em “exercícios”, com palavras e frases soltas que são vazias de sentido. Pois, são práticas das escolas que violam os princípios básicos da textualidade, sem quaisquer perspectivas de progressão e sem uso no contexto social.

O ensino da gramática é tido como principal forma didática das aulas, pois o ensino de língua portuguesa baseia-se quase que exclusivamente em suas regras até os textos e as leituras feitas, em sala de aula são puro pretexto para aplicação gramatical. Que geralmente não ensina a língua portuguesa, por ser usada descontextualizada, amorfa da língua como potencialidade. Geralmente a gramática é fragmentada em frases inventadas, palavras e frases isoladas sem sujeitos e interlocutores, sem contexto entre outros aspectos que fazem da aula de português exaustiva e de difícil compreensão. Para Antunes (2010, p. 22,23) as aulas são baseadas nas gramáticas exclusivamente na gramática tradicional ou normativa que é voltada pra nomenclatura e a classificação das unidades, sendo inflexível.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o ensino de Língua Materna na EJA é algo preocupante do ponto de vista linguístico; pois, devido a vários fatores, internos e externos, aos professores eles ainda estão adotando um método arcaico de ensino, o que vem acarretando uma grande evasão escolar porque as aulas não atendem às necessidades sociais dos alunos. É preciso ser feito algo rápido para que possamos avançar no ensino de nossa língua. Os avanços são muito lentos para acompanhar o desenvolvimento social. Os alunos têm as mídias que todos os dias lhes apresentam novas variações linguísticas e a escola, por sua vez, está bitolada ao ensino da gramática descontextualizada e sem muita função na vida dos alunos. As questões de formação do professor exige buscar outra perspectiva para compreender esse complexo tema. Daí a necessidade de mudança e de uma maior conscientização dos professores para alcançar os patamares de excelência, que o ensino precisa.

Pretende-se ainda fazer um estudo mais aprofundado sobre o ensino da Língua Materna e tentar compreender ou não porque ele é tão superficial; e, é claro, pelo menos tentar fazer nossa parte para mudar esse quadro que vem se prolongando anos a fio no ensino de nossa língua materna herdada pelos portugueses e índios que hoje já não são mais os donos de nossa terra amada.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A oralidade e letramento**. In: Da fala para a escrita: atividade de retextualização. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 1, p. 15-43.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalismo**. In: Gêneros Textuais e Ensino, 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que o professor precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo. Parábola editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Maria M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira [et al]. **Gêneros textuais: na educação de jovens e adultos em Maceió**. 2.ed.rev. Maceió: FAPEAL, 2004.
-